

Kardec e a Frenologia do século XIX

Rita Foelker¹

¹ Jundiaí, SP

e-mail: ¹ rfoelker@gmail.com

Recebido em 15 de Abril de 2023 e publicado em 20 de Maio de 2023.

RESUMO

No século XIX, a pesquisa e os escritos espíritas conviveram com teses e descobertas científicas diversas, como o trem a vapor, a geração espontânea, a eletricidade e o magnetismo, a telegrafia, a mecânica dos fluidos, a introdução da teoria atômica na Química etc. Em particular, no campo da Medicina, uma teoria chamada Frenologia, que pretendia relacionar aspectos dimensionais do crânio com capacidade cognitiva, ganhou espaço e adeptos. Seu escopo: explicar faculdades intelectuais e tendências humanas a partir do desenvolvimento maior, ou menor, de determinadas áreas do cérebro, perceptíveis no aspecto exterior do crânio. Allan Kardec tratou do tema em textos diversos, cuja análise permite compreender as ideias do Codificador sobre humanidade e progresso. O presente artigo, resultado de pesquisa bibliográfica, visa reunir trechos que revelam o pensamento de Kardec sobre a Frenologia, publicados na *Revista Espírita*; descobrir se ele aderiu ou não aos seus postulados e, em especial, compreender suas ideias sobre inferioridade e superioridade espiritual, e sobre as então chamadas “raças”.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia; humanidade; frenologia; racismo científico; ciência.

COMO CITAR: R. Foelker, *JEE* 11, 010206 (2023). DOI: [10.22568/jee.v11.artn.010206](https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010206).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <http://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010206>.



I INTRODUÇÃO

A Doutrina Espírita foi elaborada num trabalho conjunto entre os Espíritos e os seres humanos e havia uma razão para que isso ocorresse no século XIX. A fim de bem cumprir sua tarefa relacionada ao Espiritismo, Allan Kardec reencarnou como Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 – 1869) num tempo em que o estado da ciência e da cultura favoreciam a compreensão dos temas abordados pelos Espíritos da Codificação, bem como a formulação mais completa dos assuntos que iriam compor as Obras Básicas espíritas.

A pesquisa, os experimentos e a teoria espírita se beneficiaram do estado de certas áreas do conhecimento, a fim de serem mais bem compreendidos, teorizados, desenvolvidos em suas consequências e aplicados. Kardec estava atualizado em várias das teorias vigentes no período, o que transparece em suas obras e artigos, nos quais ora trata do Magnetismo Animal, ora utiliza-se de conceitos de fluidos de sua época para explicar os fenômenos anímicos e mediúnicos e, também, se ocupa da Frenologia, cujos postulados ele iria contestar utilizando os próprios conceitos espíritas.

Iniciamos apresentando o momento histórico e as ideias em voga na França, nos séculos XVIII e XIX que serviram de base à teoria frenológica. Em seguida, reu-

nimos os trechos em que o Codificador expõe seu pensamento sobre a Frenologia, analisando até que ponto nela vê plausibilidade, considerando a cosmovisão espírita mas, e especialmente, o motivo de sua discordância de algumas conclusões divulgadas pelos frenologistas.

A fim de concluir o raciocínio, no campo das consequências daquela tese, e analisando o conceito de “raça”, corrente no período, considerando o *racionalismo* ou *racismo científico* na França, verificamos o real sentido atribuído por Kardec à inferioridade e à superioridade, analisando o que se considerava “primitivo” à luz também da teoria antropológica dominante: o Evolucionismo Cultural.

II KARDEC E SUA RESPOSTA À FRENOLOGIA

A Frenologia surge no cenário das ciências no final do século XVIII com Franz Joseph Gall¹, médico que, ao observar que o córtex humano era maior que os das outras espécies animais, pensou ter encontrado a razão para sermos intelectualmente superiores a elas e, também, propondo que o formato do crânio de um indivíduo se relacionava a aspectos da personalidade, inteligência e tendências na vida. A partir de dados colhidos nas chamadas “leituras de crânio” ou “cranioscopias”, Gall

¹ Franz Joseph Gall (1758 – 1828), médico e anatomista alemão.



concluiu que as faculdades morais e intelectuais seriam inatas de cada organismo.

Sua tese contribuiu para sustentar ideias derivadas do *racialismo*, às vezes denominado *racismo científico*, o qual se apoiava também noutras observações além da anatomia. “*Esse racismo científico era baseado na crença de que a raça está fundada na diferença biológica e que as características raciais eram, portanto, herdadas*”. Isto posto, afirmava-se a plausibilidade de “*inferir características internas essenciais a partir de diferenças fenotípicas externas*” (Alleyne, 2006, p. 2)².

Entendemos que:

O racialismo é uma filosofia biológica, cultural e social. É uma atitude e um sistema social que propôs, entre o final do século XVIII e meados do século XIX, a existência, o respeito e a preservação de todas as raças em voga. Ele é a “teoria científica das raças humanas”, ou das diferenças raciais. Segundo essa teoria, existem diversas raças que constituem toda a espécie humana, nenhuma superior à outra, apenas diferentes umas das outras. Esta filosofia acredita que todas as raças possuem diferenças relevantes entre si que podem ser verificadas nas diferenças culturais, econômicas e políticas, e que essas diferenças devem ser mantidas para que cada raça não perca a sua identidade (Mendonça Jr., 2015, p. 2).

A tese ganhou importância na França, durante a primeira metade do século XIX e foi discutida no Instituto Histórico de Paris, durante a Monarquia de Julho pois, “*com a perda gradual do poder explicativo dos dogmas religiosos, a elaboração de ‘métodos para classificar e categorizar o mundo natural’ ganhava espaço*” (Macedo, 2016, p. 2).

De acordo com a tese frenológica, de que a “*conformação da caixa craniana, dependendo de seu tamanho e suas protuberâncias, designava diferentes aspectos da personalidade do indivíduo*” (ARREGUY, 2010, apud Macedo, 2016, p. 7), Gall e seu discípulo Johann G. Spurzheim³ “*estabeleceram regiões anatômicas do crânio em relação a funções do cérebro responsáveis por virtudes e falhas do caráter*” (Id., *Ibid.*).

Allan Kardec abordou a Frenologia em diversos textos, na *Revista Espírita*, com o intuito de discutir seus pressupostos, tendo como base o conhecimento espírita, em especial sobre Deus, evolução dos Espíritos e reencarnação.

Em julho de 1860, já haviam sido publicados *O livro dos Espíritos*, *O livro dos médiuns* e a *Revista* seguia em seu terceiro ano de circulação. Na edição daquele mês, o artigo intitulado “Frenologia e Fisiognomonia” apresenta logo nos primeiros parágrafos, a explicação do objeto e método da Frenologia, numa abordagem clara e didática:

A Frenologia é a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O Dr. Gall, fundador dessa ciência, pensava que, desde que o cérebro é o

ponto onde terminam todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deveria ter ali o seu órgão especial. Assim, seu sistema consiste na localização das faculdades. Como o desenvolvimento da caixa óssea é determinado pelo desenvolvimento de cada parte cerebral, produzindo protuberâncias, concluiu ele que do exame dessas protuberâncias poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou qual faculdade e, daí, o caráter ou as aptidões do indivíduo (Kardec, 1860, p. 209).

Sua apreciação preliminar sobre o tema é: “*Se certos detalhes ainda são hipotéticos, nem por isso deixa de repousar sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento ou a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais*” (Kardec, 1860, p. 209).

E a seguir, contesta no texto, o materialismo dessa tese, ao ponderar que

Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, concluíram alguns cientistas que os órgãos do cérebro são a própria fonte das faculdades, **doutrina que não passa de materialismo**, porque tende para a negação do princípio inteligente, estranho à matéria. Consequentemente, faz do homem uma máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade por seus atos, pois sempre poderia atribuir os seus erros à sua organização e seria injustiça puni-lo por faltas que não teriam dependido dele (Kardec, 1860, p. 209, grifo nosso).

Perante esse inescapável determinismo atribuído à constituição orgânica sobre a inteligência e a vontade (isto é, da matéria sobre o espírito), Kardec diz como se sente e informa seu intuito, ao escrever o texto: “*Ficamos, com razão, abalados pelas consequências de semelhante teoria. Devia-se, por isso, proscrever a frenologia? Não. Mas examinar o que nela poderia existir de verdadeiro ou de falso na maneira de encarar os fatos*” (Kardec, 1860, p. 209).

Adiante, observamos sua serenidade e ponderação ao analisar, mais detalhadamente, a base teórica da Frenologia, que se apoia na localização de capacidades específicas em “órgãos” no cérebro:

Admitamos, por um instante, **a título de hipótese**, a existência de um órgão especial para o instinto musical. Suponhamos, além disso, como nos ensina a *doutrina espírita*, que um Espírito, cuja existência é muito anterior ao seu corpo, se encarne com a faculdade musical muito desenvolvida; esta se exercerá naturalmente sobre o órgão correspondente, e impelirá o seu desenvolvimento, como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. [...] Esta [a faculdade] é a causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo. Sem a faculdade não existiria o órgão, ou este seria apenas rudimentar. Encarada

² Do original: “*This scientific racism was founded in the belief that race is rooted in biological difference and that racial characteristics were therefore inherited. [...] infer essential, inner characteristics from external, phenotypical differences.*”

³ Johann G. Spurzheim (1776 – 1832), médico alemão e o mais importante discípulo de Joseph Gall.



sob este ponto de vista, como se vê, nada tem a frenologia de contrário à moral, porque deixa ao homem toda a sua responsabilidade, e acrescentamos que esta teoria é, ao mesmo tempo, conforme à lógica e à observação dos fatos⁴ (Kardec, 1860, p. 210, grifos nossos).

Assumir que a “faculdade musical” está concentrada numa área do córtex não significa que a massa cerebral ou mesmo os próprios neurônios sejam a sua origem, pois ela já poderia preexistir no ser que agora estava reencarnado. “Ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral e mesmo a localização das faculdades, podem conciliar-se perfeitamente com o espiritualismo mais severo, que encontraria nisso a explicação de certos fatos” (Kardec, 1860, p. 209).

Entre os próprios representantes da Frenologia, existiam duas correntes distintas, que divergiam quanto à origem das faculdades intelectuais. Segundo novo artigo, publicado na *Revista* em 1861, intitulado “A cabeça de Garibaldi”:

Sabe-se que os discípulos de Gall formam duas escolas: a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos. Para eles os órgãos são a causa; as faculdades, o produto, de onde se segue que fora dos órgãos não há faculdade, ou, por outras palavras, quando o homem morre, tudo está morto. Os segundos admitem a independência das faculdades. As faculdades são a causa; o desenvolvimento dos órgãos é o efeito, de onde se segue que a destruição dos órgãos não determina o aniquilamento das faculdades (Kardec, 1861, p. 82).

Kardec mostra que as conclusões da Frenologia podem ter, como pressuposto, ou o materialismo, ou o espiritualismo, e que isso influencia os raciocínios de seus respectivos representantes. E então publica na *Revista Espírita* de abril de 1862, um extenso artigo intitulado “Frenologia Espírita e Espiritualista: a perfectibilidade da raça negra”, no qual encontramos uma sensata ponderação sobre a Frenologia materialista:

Cometer-se-ia grave erro se se pensasse em poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa pela simples inspeção das saliências do crânio. As faculdades se contrabalançam reciprocamente, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas em relação às outras, de tal sorte que, para julgar um indivíduo, é necessário levar em conta o grau de influência de cada uma, em razão do seu desenvolvimento, depois fazer entrar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação (Kardec, 1862a, p. 97).

Contudo, não somente materialistas, como também espiritualistas podem ver-se em maus lençóis nessa questão: “Aqui se apresenta outra dificuldade, ante a qual forçosamente esbarram os frenologistas: se for espiritualista, dirá que o poeta tem o órgão da poesia porque é

poeta, mas não nos diz por que ele é poeta; por que o é, em vez de seu irmão, embora educado nas mesmas condições? E assim em relação a todas as outras aptidões” (Kardec, 1862a, p. 98).

Ora, resta aqui uma pergunta a ser respondida: De onde então provêm a inclinação para a poesia, a música, o desenho etc.? O Espiritismo resolve as dificuldades advindas da visão limitada da Frenologia (seja ela materialista ou espiritualista), pois que analisa a questão pelas lentes preexistência da alma, reencarnação e progresso espiritual, alguns dos princípios fundamentais de sua filosofia.

“Com efeito, se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto seria tão nova quanto a do selvagem. Então, por que há na Terra selvagens e membros do Instituto? Direis que depende do meio em que vivem” (Kardec, 1862a, p. 98). A referência ao “selvagem” tem uma explicação pertinente, e não é porque seja ele menos dotado de inteligência que o sábio, mas porque, embora ambos possuam os mesmos germes de todas as faculdades do Espírito, algumas delas estão mais desenvolvidas no sábio que no “selvagem” (enquanto aquelas que o “selvagem” mais exercita, nele são mais evidenciadas)⁵.

Ainda confirmando esse ponto de vista, pondera Kardec:

Nossas almas seriam de natureza diversa das suas? Por que tentar torná-los cristãos? Se os tornais cristãos é que os olhai como vosso igual perante Deus. E se é vosso igual perante Deus, por que Deus vos concede privilégios? Por mais que façais não chegareis a nenhuma solução, a não ser admitindo para nós um progresso anterior e para os selvagens um progresso ulterior. Se a alma do selvagem deve progredir ulteriormente, é que nós fomos selvagens, pois se for diverso o ponto de partida, não haverá mais justiça, e se Deus não for justo, não será Deus.

[...] Assim é que, se nos fecharmos numa existência única, tudo é obscuridade, tudo beco sem saída; ao passo que com a reencarnação [sic] tudo é claridade, tudo tem solução (Kardec, 1862a, p. 100).

De onde concluímos, com Kardec, que

Uma única solução é possível: a preexistência da alma; sua anterioridade ao nascimento do corpo; o desenvolvimento adquirido conforme o tempo vivido e as várias migrações percorridas. Unindo-se ao corpo, a alma traz, pois, o que adquiriu, em boas ou más qualidades. Daí as predisposições instintivas, de onde poder-se dizer com certeza que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; o que nasceu músico, cultivou a música; e o que nasceu facínora já foi mais facínora. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos afetados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que determina o seu desenvolvimento (Kardec, 1862a, p. 98-99).

⁴ Nos anos 1980, a *inteligência musical* é mencionada na teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, autor de *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. (São Paulo: Artes Médicas, 1995.) Na década de 1990, sua pesquisa evoluiu com o estudo de pessoas com inteligência acima da média e pessoas com lesões cerebrais, auxiliada pelo desenvolvimento de técnicas de mapeamento do cérebro.

⁵ Importante salientar que não existem povos selvagens, canibais ou culturas inferiores, o que existem são povos diferentes, culturas diferentes, mas não existe povo superior ou inferior, selvagem ou civilizado.



E depois de compreendermos que (1) a Frenologia era uma tese originalmente materialista e mesmo os frenologistas espiritualistas tinham problemas para explicar a origem das capacidades intelectuais e que (2) a reencarnação é a única explicação possível para a questão das diferenças, chegamos a um ponto aparentemente controverso neste artigo: “*Isto nos conduz ao exame da importante questão da inferioridade de certas raças e da sua perfectibilidade*” (Kardec, 1862a, p. 99)⁶.

III INFERIOR E SUPERIOR: CONCEITOS RELATIVOS

Kardec tinha plena convicção de que é a alma encarnada numa pessoa que imprime suas características ao corpo e à sua própria existência, estendendo-se ao seu meio. Certamente a presença de um Espírito mais evoluído estimularia, no organismo, o desenvolvimento de certas áreas cerebrais e órgãos, os quais ele utilizaria durante a encarnação em seu próprio progresso intelectual e, também, para contribuir com a comunidade encarnada.

Sabemos, ainda, que ele está analisando uma tese bastante difundida à época e o faz pela lente da teoria e prática espíritas (prática, no sentido de experimental, científica).

Por que, então, ele está falando em “raça”, uma palavra que, atualmente, está associada a separação, discriminação e preconceito? Por ser este, o termo corrente à época, cunhado por Georges Cuvier⁷, que também havia classificado a “raça negra” como inferior, em razão das observações que eram possíveis e do pouco que se conhecia sobre as etnias até então observadas.

E a menção à perfectibilidade na mesma frase, aqui se torna mais relevante. Afinal, do ponto de vista de europeus do século XIX (caucasianos que escrevem, leem livros e jornais estampados com daguerreótipos; que vão a espetáculos teatrais, constroem máquinas a vapor e telégrafo), aquelas outras pessoas que viviam uma vida precária e com poucos recursos, numa cultura cuja importância não era ainda bem compreendida, desprovida dos mesmos produtos culturais e tecnológicos disponíveis na Europa, pareceriam “primitivos”. Os relatos de viagens a terras da África e América reforçavam o evidente contraste entre hábitos, linguagem, artefatos e tecnologia.

O que Kardec faz, então, no texto referido, é justamente mostrar como os conceitos espíritas lançavam clarezas sobre a visão científica e cultural de seu tempo, em que a desigualdade era conceito dominante, mas destacando que também ela é relativa (não, absoluta) e não se sustenta na perspectiva das Leis Divinas.

IV O RACIALISMO NÃO ERA UM RACISMO

Relembramos aqui que a ideia de raça, no período, correspondia à descendência comum de um grupo de pessoas (Banton, 1979) ou o próprio grupo de indivíduos com traços físicos e hereditários comuns, mas também **distintivos** dos demais (Rumney & Maier, 1961, grifo nosso). Implícita nessa concepção, subsiste a crença na possibilidade de agrupar seres humanos por sua aparência externa e atributos visíveis, que fundamentava o racialismo. Não se tratava, porém, no período em questão, de classificar esses grupos distintos como intrinsecamente inferiores ou superiores, apenas como diferentes entre si.

Aliás, segundo Munanga, “o problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada [hoje] pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente” (2022, p. 121), racismo que não está na diferença em si, mas em não reconhecer direitos, em negá-los, com base em diferenças “*culturais e identitárias*” (Id., *ibid.*) o que, certamente e sem dúvida alguma, vai em sentido contrário a tudo que Kardec acreditava, escreveu e ensinou.

Desse modo, Kardec, vivendo e respirando a cultura europeia no século XIX, entende que as raças são diferentes culturalmente e psicologicamente, mas que espiritualmente elas são constituídas da mesma essência, convidadas ao mesmo exercício de fraternidade e progresso espiritual. É oportuno reafirmar que o racialismo, embora fosse posteriormente usado para fundamentar o racismo do século XX, não continha em si mesmo ideias de discriminação e preconceito. Segundo Todorov (*apud Mendonça Jr., 2015, p. 2*):

As doutrinas racialistas têm três pressupostos: 1) os homens se diferenciam em grandes grupos chamados raças, os quais possuem certa unidade física, que lhes confere determinadas características psicológicas e culturais; 2) o domínio do grupo sobre o indivíduo (isso significa supor que o comportamento do indivíduo é determinado, em grande medida, pelo grupo racial ao qual ele pertence); 3) as ‘raças’ não seriam apenas diferentes, mas também desiguais.

O sentido de “desiguais”, no trecho acima, encontra uma explicação pelo próprio Todorov (1993, p. 157), onde a noção de evolução/superioridade é aventada sem associar-se a preconceito ou discriminação, porém pela simples observação:

Fazendo levantamento das características do comportamento simbólico dos astecas sou levado a constatar não somente a diferença entre duas formas de simbolização, como também a superioridade de uma em relação à outra; ou melhor, e para ser mais preciso, sou levado a deixar a descrição tipológica para me

⁶ As diferenças entre os indivíduos provêm de sua trajetória espiritual única, associada às condições do organismo, da família e do meio, razão pela qual não se pode, com base na Filosofia Espírita, afirmar que existem povos selvagens e outros civilizados, ou culturas inferiores e superiores. Os povos são apenas diferentes e a reencarnação, por seu turno, é definida com vistas à melhor oportunidade de progresso e aprendizado para cada Espírito.

⁷ Georges Cuvier (1769 – 1832), naturalista e zoologista francês.



referir a um esquema evolutivo. [...] Há um campo no qual a evolução e o progresso não podem ser postos em dúvida: é, grosso modo, o da técnica. É incontestável que um machado de bronze ou de ferro corta melhor do que um machado de madeira ou de pedra; que o uso da roda reduz o esforço físico necessário. Ora, essas invenções técnicas não surgem do nada: são condicionadas (sem serem diretamente determinadas) pela evolução do aparelho simbólico próprio do homem, evolução que podemos igualmente observar em determinados comportamentos sociais. Existe uma ‘tecnologia’ do simbolismo, que é tão suscetível de evolução quanto a tecnologia dos utensílios, e nessa perspectiva os espanhóis são mais ‘avançados’ do que os astecas (ou generalizando: as sociedades com escrita mais do que as sociedades sem escrita), ainda que se trate unicamente de uma diferença de grau.

Aqui é aventado um progresso e uma superioridade que não têm relação com o conceito de *racismo* enquanto “crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural” (Munanga, 2004, p. 24) que, por sua vez, surgiria apenas nos anos 1920, o que torna imputá-lo a Kardec, além de incongruência (já que para ele o Espírito se sobrepunha à matéria), um evidente anacronismo.

E chegamos então ao ponto em que Kardec se contrapõe à concepção de “raça inferior”, ao escrever:

Diz-se a respeito dos negros escravos: “São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria vão esforço querer instruí-los. São uma raça inferior, incorrigível, profundamente incapaz.” **A teoria que acabamos de apresentar permite encará-los sob outro prisma.** Na questão do aperfeiçoamento das raças é sempre necessário levar em consideração dois elementos constitutivos do homem: o elemento espiritual e o corporal. É preciso conhecer ambos, e só o Espiritismo nos pode esclarecer quanto à natureza do elemento espiritual, o mais importante, por ser o que pensa e o que sobrevive, ao passo que o corporal se destrói (Kardec, 1862a, p.102, grifo nosso).

Kardec coloca em xeque uma ideia comum, que ele propositalmente escreve entre aspas (porque dela discorda), segundo a qual existem pessoas inferiores, incorrigíveis e incapazes. E ele então, completa seu argumento dizendo toda pessoa é um Espírito reencarnado, constituída da mesma essência espiritual em diferentes pontos da sua jornada evolutiva.

No parágrafo seguinte, estreitamente relacionado ao anterior, há uma afirmação aparentemente controversa, mas apenas se tirada do contexto, e sem considerar a percepção que os europeus em geral compartilhavam, naquele período:

Os negros, portanto, como **organização física**, serão sempre os mesmos; **como Espíritos**, é sem dúvida uma raça **inferior, isto é, primitiva**; são crianças reais a quem muito pouco pode ser aprendido; mas por um cuidado inteligente sempre se pode modificar certos hábitos, certas tendências, e já é um progresso que eles trarão em outra existência, e que os capacitará mais tarde a pegar um envoltório em melhores condições. (Kardec, 1862b, grifos nossos, traduzido por mim).⁸

Sendo o componente material, o corpo físico de qualquer um de nós terá sempre as mesmas características, mesmos órgãos, mesmas funções, mesmo fenótipo de sua etnia. O Espírito nele encarnado, por sua vez, imprime as características do desenvolvimento espiritual (intelecto-moral) alcançado, suas aquisições indelévels.

Quanto ao termo ‘inferior’, não podemos aqui enxergar um insulto e, muito menos, uma posição absoluta, que deva ser entendida como desrespeito ou ofensa.

Sempre que Kardec utiliza os adjetivos “inferior” e “superior”, referindo aos seres inteligentes da Criação (encarnados ou desencarnados), trata-se de uma posição relativa e temporária, porque todos somos destinados ao progresso e à perfeição. Perante a Escala Espírita, todos nós somos hoje inferiores em relação a algumas categorias de Espíritos, e superiores, em relação a outras⁹.

Ao falar em “raça inferior”¹⁰, Kardec logo a seguir equivale essa expressão a outro termo: “primitiva”. ‘Primitiva’ significa que ela se encontra em determinado estágio de um caminho de progresso. Vemos esse termo em outros trechos de sua obra como em: “*Entre os povos primitivos, como os chamamos, a matéria sobrepuja o espírito...*” (Kardec, 2018, item 669). Outros autores espíritas também o aplicaram, como Ernesto Bozzano, no título de seu livro *Popoli primitivi e manifestazionii supernormali*.

Com relação ao termo “primitivo”, ocorria o seguinte: a corrente dominante em Antropologia, a qual ganhou importância a partir da segunda metade do século XIX, ao tratar das origens e características dos grupos humanos, ficou conhecida como Evolucionismo Cultural e apoiava-se em evidências experimentais e na observação. Num momento em que a cultura europeia se apresentava como o ponto mais alto da civilização terrena, para bem compreender o significado de “primitivo” e por que esse termo era utilizado, encontramos em Spencer (1871, *apud Castro, 2005*, p. 13):

O avanço do simples para o complexo, através de um processo de sucessivas diferenciações, é igualmente visto nas mais antigas mudanças do Universo que podemos conceber racionalmente e indutivamente estabelecer; ele é visto na evolução geológica e climática da Terra, e de cada um dos organismos sobre sua superfície; ele é visto na evolução da Humanidade, quer

⁸ Traduzimos esse trecho do original francês para nos abster de controvérsias eventualmente oriundas de diferentes edições.

⁹ A Escala Espírita (Kardec, 2018, item 100) é um resumo que didaticamente nos facilita a compreensão da jornada evolutiva de cada criatura e sua posição transitória num caminho que, ali, aparece como etapas estanques, mas que de fato se constituem num *continuum* de progresso, a depender do uso do livre-arbítrio.

¹⁰ Atualmente a noção de “raça inferior” está ultrapassada pela ciência.



seja contemplada no indivíduo civilizado, ou nas agregações de raças; ele é igualmente visto na evolução da Sociedade com respeito a sua organização política, religiosa e econômica; e é visto na evolução de todos [...] os infindáveis produtos concretos e abstratos da atividade humana.

Importante aqui observar que, num tempo em que ainda existia escravidão e em que alguns povos eram considerados cultural e tecnologicamente inferiores, o Evolucionismo Cultural reconhecia uma **unidade psíquica** no ser humano, uma coincidência de potencialidades intelectuais e capacidades a serem desenvolvidas, que era compartilhada por toda a humanidade. Ora, nesse ponto há uma coincidência do Evolucionismo Cultural com a cosmovisão espírita que, por sua vez, afirma a origem comum não somente dos povos da Terra, como de todos os Espíritos, sendo a evolução, seu caminho natural. A compreensão do Evolucionismo Cultural fica mais nítida, numa comparação com a corrente darwiniana:

Enquanto a teoria biológica de Darwin não implicava uma direção ou progresso unilineares, as ideias filosóficas de Spencer levavam à disposição de todas as sociedades conhecidas segundo uma única escala evolutiva ascendente, através de vários estágios. Essa se tornaria a ideia fundamental do período clássico do evolucionismo na antropologia.

Aplicada à antiga questão da enorme diversidade cultural humana, percebida tanto nas sociedades que existiram no passado como nas que conviviam contemporaneamente no espaço, **a perspectiva evolucionista em antropologia baseava-se num raciocínio fundamental: reduzir as diferenças culturais a estágios históricos de um mesmo caminho evolutivo** (Castro, 2005, p. 13, grifo nosso).

Essa coincidência de potencialidades e possibilidade de progresso, por sua vez, atende a três princípios filosóficos espíritas: Deus, espírito e progressão dos Espíritos.

Eis, finalmente, trecho representativo do pensamento dos antropólogos evolucionistas, muito bem traduzido num escrito de Tylor¹¹, que foi um dos seus principais representantes:

Veja o moderno camponês europeu usando seu machado e sua enxada, veja sua comida fervendo ou assando num fogo de lenha, observe o lugar exato reservado à cerveja no cálculo de sua felicidade, ouça suas histórias do fantasma na casa assombrada mais próxima e da sobrinha do fazendeiro, enfeitada com nó nas tripas, que entrou em convulsão e morreu. Se selecionarmos assim coisas que pouco se alteraram no longo curso dos séculos, podemos desenhar um quadro em que estarão, quase lado a lado, um lavrador inglês e um negro da África Central. Estas páginas estarão tão povoadas de mostras dessa correspondência entre a humanidade que não há necessidade de entrar nesses detalhes aqui, mas isso pode ser usado,

desde já, para pôr de lado um problema que complicaria o argumento, ou seja, **a questão da raça**. Para o presente propósito, **parece tanto possível quanto desejável eliminar considerações de variedades hereditárias, ou raças humanas, e tratar a humanidade como homogênea em natureza, embora situada em diferentes graus de civilização**. Os detalhes da pesquisa provarão, parece-me, que estágios de cultura podem ser comparados sem se levar em conta o quanto tribos que usam o mesmo implemento, seguem o mesmo costume ou acreditam no mesmo mito podem diferir em sua configuração corporal e na cor de pele e cabelo (Tylor, 1871, *apud* Castro, 2005, p. 31, grifos nossos).

Fica assim evidente que “o *postulado básico do evolucionismo em sua fase clássica era, portanto, que, em todas as partes do mundo, a sociedade humana teria se desenvolvido em estágios sucessivos e obrigatórios, numa trajetória basicamente unilinear e ascendente*” (Castro, 2005, p. 14).

E uma das consequências de se assumir essa premissa é concluir que toda a espécie humana se desenvolve seguindo um mesmo caminho, subindo os mesmos degraus, mas cada qual a seu tempo. Isso distinguia os autores evolucionistas clássicos da antiga tradição *plurigenista* em Antropologia, segundo a qual as “raças humanas” teriam origens diferentes, naturalizando desse modo a desigualdade e estabelecendo uma hierarquia entre elas (onde algumas podiam ser sempre inferiores a outras). Tylor, numa passagem de seu texto, é especialmente claro ao afirmar ser “*tanto possível quanto desejável eliminar considerações de variedades hereditárias, ou raças humanas, e tratar a humanidade como homogênea em natureza, embora situada em diferentes graus de civilização*” (Tylor, 1871, *apud* Castro, 2005, p. 34).

Assim compreendemos contextualmente a afirmação de que “*Os negros, portanto, como organização física, serão sempre os mesmos; como espíritos, é sem dúvida uma raça inferior, isto é, primitiva [...]*”¹², sem que o trecho configure expressão de preconceito ou, sequer, racismo, mas de uma compreensão espírita da condição humana em geral e do estado da ciência à época, em que se aceitava os pressupostos do racialismo, “*uma filosofia biológica, cultural e social*”, um sistema social que propôs, entre o final do século XVIII e meados do século XIX, a existência, o respeito e a preservação de todas as raças em voga (Mendonça Jr., 2015, p. 2) e que foi mais tarde considerado, tão somente, uma base “científica” para o racismo (*Id., ibid.*), sem com ele se confundir. “*O conceito de racismo surgiu na segunda década do século XX. Ele não tem fundamentos “científicos”, diferente do racialismo, cuja teoria pode implicar ou não em comportamentos racistas*” (*Id., Ibid.*, p. 2).

A inferioridade referida por Kardec, por seu turno, não é absoluta, de uma raça específica, mas é relativa e diz respeito ao estágio de progresso das almas.

¹¹ Edward Burnett Tylor (1832-1917), antropólogo e professor britânico.

¹² Do original: “*Les nègres donc, comme organisation physique, seront toujours les mêmes ; comme Esprits, c'est sans doute une race inférieure, c'est-à-dire primitive ; ce sont de véritables enfants auxquels on peut apprendre bien peu de chose.*” (Kardec, 1862b).



V OUTRAS EVIDÊNCIAS NOS ESCRITOS DE KARDEC

Resta-nos confirmar o significado dos termos “inferior” e “primitivo” utilizados por Kardec. Seria “menos digno”? “Incapaz”? De forma alguma! Significa apenas “menos evoluído”, como em toda Codificação onde, quando se trata de “Espírito inferior”, isto não consiste numa caracterização absoluta, mas relativa ao potencial progresso espiritual que todos os seres atingirão. Isto se confirma em algumas outras afirmações.

Está claro nas respostas dos Espíritos, em *O livro dos Espíritos* (Kardec, 2018, itens 53 e 53a):

53. O homem apareceu em muitos pontos do globo?

– Sim e em diversas épocas, e é essa uma das causas da diversidade das raças; depois, o homem se dispersou pelos diferentes climas, e aliando-se os de uma raça aos de outras, formaram-se novos tipos.

53.a Essas diferenças representam espécies distintas?

– Certamente não, pois todos pertencem à mesma família. As variedades do mesmo fruto acaso não pertencem à mesma espécie?

Em comentário à questão 185, lemos que toda a humanidade terrena, sem exceção ou privilégio, terá o mesmo destino: “[todas] as raças que atualmente povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres mais e mais perfeitos. Essas raças transformadas sucederão à atual, como está sucedeu a outras que eram mais grosseiras” (Kardec, 2018).

Em “Considerações sobre a pluralidade das existências”, pondera Kardec:

dirão sem dúvida que o hotentote é uma raça inferior. Então perguntaremos se o hotentote é ou não humano. Se é humano, por que teria Deus, a ele e a toda a sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se o não é, por que procurar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla que tudo isso. Para ela, não há muitas espécies de homens, mas apenas homens, seres humanos cujos espíritos são mais ou menos atrasados, mas sempre suscetíveis de progredir. Isso não está mais conforme à justiça de Deus? (*Id.*, *ibid.*, p. 181).

Em *A Gênese*, obra lançada em 1868 (Cap. I, item 36), escreveu:

Com a reencarnação caem os preconceitos de raças e castas, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, senhor ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que logicamente se sobreponha ao fato material da reencarnação.¹³

¹³ Do original: “Avec la réincarnation tombent les préjugés de races et de castes, puisque le même Esprit peut naître riche ou pauvre, grand seigneur ou prolétaire, maître ou subordonné, libre ou esclave, homme ou femme. De tous les arguments invoqués contre l’injustice de la servitude et de l’esclavage, contre la sujétion de la femme à la loi du plus fort, il n’en est aucun qui prime en logique le fait matériel de la réincarnation.”

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que

o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor (Kardec, 1861, p. 432).

VI CONCLUSÕES

Estudos contemporâneos indicam outras propriedades do tecido nervoso que refutam a localização absoluta de faculdades intelecto-morais como, por exemplo, a neuroplasticidade, que é a capacidade de criar novos caminhos neuronais quando ocorre um dano em área do cérebro que afeta determinadas funções. Desse modo, o pressuposto da tese frenológica foi negado e, as suas conclusões, refutadas.

Allan Kardec foi um estudioso da Frenologia e não um adepto da teoria frenológica. Admite que as capacidades intelectuais estejam associadas a certas áreas do cérebro, mas desde que sua origem e a causa de seu desenvolvimento estejam no Espírito encarnado.

Quanto ao uso genérico da palavra “raça” em seus textos, fica plenamente justificado perante os aspectos culturais (estado das ciências, hábitos e costumes) e tecnológicos que distinguem os povos ditos “incivilizados” dos “civilizados”. É digno de nota que as concepções expressas por Kardec, se são influenciadas pela sua época, as teorias científicas e a cultura vigentes, revelam-se também esclarecidas pelos conceitos espíritas. No fim das contas, somos todos iguais em origem e em destinação, enquanto exercemos a liberdade de escolher como caminharíamos entre esses dois pontos.

Sua compreensão do tema é humanista, espiritualista e extensiva a toda a Humanidade. Em vista de todas essas considerações, eventualmente afirmar que Kardec foi racista, não passa de uma extemporânea e desastrada aplicação da falácia *ad hominem*. Usar trechos isolados de escritos extensos, ocultando proposadamente as demais ideias e informações ali expressas e às quais estas se ligam, denota desleixo ou intenção de confundir o leitor. Ou prejudicar o autor. Nesse caso, o nome da falácia é *omissão de dados*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela receptividade e atenção da equipe do *JEE* e pelas importantes contribuições dos pareceristas, que resultaram em melhorias significativas no texto.



REFERÊNCIAS

- ALLEYNE, B., 2006. "Race' and Racism". In A. Harrington, B. L. Marshall, & H. Müller, eds. *Encyclopedia of social theory*. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2006. pp. 490-492.
- BANTON, M. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CASTRO, C. (Org.). *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Maria Lúcia de Oliveira (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Disponível neste [link](#). Acesso em: 30 Mar. 2023.
- KARDEC, A. "Frenologia e Fisiognomonia" *Revista Espírita julho*, 209 (1860). Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, s.d.
- KARDEC, A. "A cabeça de Garibaldi" *Revista Espírita março*, 81 (1861). Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, s.d.
- KARDEC, A. "Frenologia Espírita e Espiritualista: a perfectibilidade da raça negra" *Revista Espírita abril*, 95 (1862). Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, s.d.
- KARDEC, A. "Phrénologie spiritualiste et spirite" *Revista Espírita* (1862). Kardecpedia [Site]. Disponível neste [link](#). Acesso em: 24 Mar. 2023.
- KARDEC, A. *La Genese* (conforme a la premiere edition de 1868). [PDF] Le Centre Spirite Lyonnais. Disponível neste [link](#). Acesso em 28 Abr. 2023.
- KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. [PDF] Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires [Site]. São Paulo: Paideia, 2018. Disponível neste neste [link](#). Acesso em: 30 Mar. 2023.
- MACEDO, C. C. Q. "A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848)". *Humanidades em Diálogo* **7**, 127 (2016), DOI: [10.11606/issn.1982-7547.hd.2016.113338](#).
- MENDONÇA JR., A. M., "Allan Kardec, a ciência e o racismo", *Jornal de Estudos Espíritas* **3**, 010207 (2015), DOI: [10.22568/jee.v3.artn.010207](#).
- MUNANGA, K. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia". *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/001413002>. Acesso em: 05 Maio 2023.
- MUNANGA, K. "O mundo e a diversidade: questões em debate". *Estudos avançados* **36**, 117 (2022). DOI: [10.1590/s0103-4014.2022.36105.008](#).
- RUMNEY, J.; MAIER, J. *Manual de sociologia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.
- TODOROV, T. "Igualdade ou desigualdade". In: *A conquista das Américas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.143-164.
- TYLOR, E. B. "A ciência da cultura". In: *Evolucionismo Cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p.31-45. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Disponível neste [link](#). Acesso em: 30 Mar 2023.

TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

Kardec and Phrenology in the 19th century

Abstract: In the 19th century, spiritist research and writings coexisted with diverse scientific theses and discoveries, such as the steam train, spontaneous generation, electricity and magnetism, telegraphy, fluid mechanics, the introduction of the atomic theory in chemistry etc. In particular, in the field of Medicine, a theory called Phrenology, which intended to relate dimensional aspects of the skull to cognitive ability, has gained space and followers. Its scope: to explain intellectual faculties and human tendencies from the greater or lesser development of certain areas of the brain, perceptible in the skull. Allan Kardec deal with the topic in several articles, whose analysis allows us to understand the Codifier's thoughts and ideas about humanity and progress. This article, the result of bibliographical research, aims to gather excerpts that reveal Kardec's thoughts on Phrenology, published in the *Spiritist Magazine*; find out whether or not he adhered to his postulates and, in particular, understand his ideas about spiritual inferiority and superiority, and about the so-called "races".

Keywords: Anthropology; humanity; phrenology; scientific racism; science.
